



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



A PERCEPÇÃO DOS INDIVÍDUOS DIANTE DA MÍDIA TÓXICA VIRTUAL E A CONSTRUÇÃO DAS CRENÇAS CENTRAIS

Letícia Hitomi Matsunaga Oka¹; Vitor Augusto do Prado²; Priscila Aparecida Rodrigues³

1. Estudante - curso de Psicologia.; e-mail: leticiahm.oka@gmail.com;
2. Estudante - curso de Psicologia; e-mail: vitor.tdk33@gmail.com;
3. Professora - UMC; e-mail: priscilarodrigues@umc.br .

Área do Conhecimento: Psicologia.

Palavras-chaves: Mídias virtuais; Mídias tóxicas; Crenças centrais; Violência simbólica.

INTRODUÇÃO

A mídia virtual é uma das possibilidades da mídia, sofrendo alterações e evoluções constantes, com uma grande velocidade de transmissão de informações, devido ao avanço tecnológico. Posto desta maneira, Lira e Veloso (2008) apresentam o cenário globalizado dotado de amplas modificações sociais, com a crescente influência que a mídia virtual exerce, novas subjetividades surgem diante ao bombardeio de informações, vinculando-se em muitos casos, como manipulação massiva, de forma a contribuir com o que Pierre Bourdieu define como violência simbólica, aquela se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, se constituindo como um poder dominante que rege instituições e meios de comunicação de forma disfarçada sem que seja percebida, mas que ao mesmo tempo, continua sendo reforçada e legitimada. Assim, nesse complexo o cenário que a mídia virtual apresenta, é de grande relevância discutir e correlacioná-la à Toxicidade. O comportamento tóxico como aquele que transmite algum tipo de sentimento ruim, provoca distorção das atitudes do outro e de si mesmo. Possibilitando assim, traçar um caminho relacional, entre a toxicidade com o estímulo aversivo que reduz a frequência do comportamento que os produzem ou aumenta a frequência dos comportamentos que os retiram, mas sempre priorizando a fuga ou esquiva desse estímulo aversivo (MOREIRA, 2007). Diante disso, a Terapia Cognitiva Comportamental identifica e trabalha com três níveis de pensamento, os pensamentos automáticos, as crenças intermediárias e as centrais. As crenças centrais, constituem o nível mais profundo da estrutura cognitiva e são compostas por ideias rígidas e conceitos que o indivíduo possa ter sobre si mesmo, das pessoas e do mundo. Beck (1997) pressupõe que as crenças centrais podem vir a ser disfuncionais dependendo de como são mantidas e reforçadas, se categorizando em três grupos: desespero, crenças sobre ser impotente; desamor, sobre ser incapaz de ser amado; e desvalor, sobre ser um fracassado.

OBJETIVOS

Analisar a percepção dos indivíduos diante da mídia tóxica e identificar as crenças centrais relacionada, através de seus discursos. Avaliar o impacto da mídia virtual e da violência simbólica para o indivíduo e seu comportamento.



MEDOTOLOGIA

Utilizou-se como processo de pesquisa, a netnografia. Kozinets (2014) descreve o processo dessa metodologia em três etapas, a primeira se encontra pela preparação para a entrada no campo, a segunda pela coleta de dados e a terceira, consiste na fase de interpretar e analisar os resultados obtidos. Essa metodologia, busca realizar um estudo e a análise dos dados, objetivando levantar dados sobre o contexto cultural e de respectivos comportamentos dentro daquele grupo social, utilizando ferramentas virtuais, como computadores ou celulares, para a instrumentalização e captação das informações (KOZINETS, 2014). Trata-se de uma pesquisa de levantamento, exploratória do tipo transversal, que busca tornar a variável pesquisada mais clara, possibilitando construir novas hipóteses ou novos estudos sobre a influência da comunicação e da mídia caracterizada como tóxica para o indivíduo (GIL, 2002). Os voluntários participaram de forma acidental, sem a necessidade de a amostra representar algum estrato, caracterizando-se como uma amostragem estratificada não proporcional (GIL, 2002). Fizeram parte da pesquisa, 70 participantes, todos se tornaram voluntários, a partir do momento da leitura e preenchimento do questionário online, divulgado através das redes sociais, especificamente por mídias sociais e mensageiros instantâneos como Facebook, Instagram e WhatsApp. Os critérios de inclusão consistiam em que os participantes tivessem idade superior a 18 anos e possuíssem uma frequência de visualização de pelo menos um tipo de mídia digital por dia. Foram excluídas respostas de participantes não alfabetizadas e que não possuíssem qualquer contato com alguma rede de notícias ou de alguma rede social.

As perguntas foram divididas em três partes, auto aplicadas de forma online e separadas por sessões no formulário, a primeira parte foi dividida com perguntas relacionadas ao perfil sociodemográfico dos participantes, a segunda com perguntas comportamentais sobre a percepção e o contato com os materiais tóxicos, e a terceira parte sobre a violência simbólica. Todos os questionários foram construídos pelos autores, com perguntas que pudessem responder os objetivos gerais e específicos dessa pesquisa. As perguntas foram semiabertas, possibilitando o questionamento com questões abertas e dissertativas, e fechadas com escalas nominais, de concordância e do tipo *likert*, com possibilidades de múltipla escolha ou de caixas de seleção de acordo com o objetivo de cada pergunta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 4 foi realizada para evidenciar os tipos de mídias virtuais maléficis que eles se depararam, algumas respostas tiveram mais de um elemento na mesma sentença, portanto foram contabilizados para a classificação.



Tipo de publicação.

TIPO DE PUBLICAÇÃO	TOTAL	
	F	%
Violência	21	20,00
Preconceito	19	18,10
Não especificado	13	12,38
Política	12	11,43
Padrões sociais	7	6,67
Machismo	6	5,71
Tragédias	6	5,71
Crimes sexuais	5	4,76
Padrões estéticos	5	4,76
Pandemia	4	3,81
Discurso de ódio	3	2,86
Outros	4	3,81
TOTAL	105	100

Fonte: dados da pesquisa, 2021.

Nessa tabela é possível verificar que a categoria violência foi a mais citada com 20%, nela estão agrupados todos os tipos de violência, mas vale ressaltar que a violência de gênero, infantil e contra os animais foram as que mais surgiram. Todos os tipos de preconceito como o racial, corporal e de orientação sexual estão contempladas na categoria preconceito com 18,10%. Após, tiveram as categorias política (11,43%), Padrões sociais (6,67%), Machismo e Tragédias com 5,71% cada, crimes sexuais e padrões estéticos com 4,76%, pandemia (3,81%), discurso de ódio (2,86%) e a última categoria atribuída a outras opções (3,81%). A mídia tóxica se configura como um tipo de conteúdo midiático, seja uma notícia, podcast, imagens ou publicações em redes sociais que apresentam algum nível de violência simbólica em sua composição, como conteúdos de humor ácido, preconceituosamente conhecido como humor negro no dialeto popular. Os dados dessa pesquisa apresentam a percepção dos participantes em relação a esse tipo de conteúdo, eles tiveram contato com vários tipos de materiais com aspectos de violência, preconceito, padrões sociais, política, crimes sexuais entre outros, além da forma como eles sentem e agem frente a este contato. Partindo desse pressuposto, esses estímulos tóxicos podem modificar ou manter percepções e pensamentos, gerando crenças centrais disfuncionais, em sua maioria, as mais encontradas foram relacionadas ao desvalor e desamparo, esses dados serão discutidos a seguir. É possível traçar um caminho relacional entre as crenças centrais e os dados obtidos através dos discursos dos participantes. Observa-se que as principais publicações que possam ter provocado um mal-estar nos voluntários dizem respeito sobre violência, além do preconceito e machismo que podem ser associadas às crenças de desamparo e desvalor que reforçam esquemas desadaptativos, no que diz respeito ao sentimento que muitos possam ter ao se sentirem impotentes ou incapazes de algo, pois muitos desses sentimentos são reproduzidos socialmente, principalmente no meio virtual.



Ademais, outras publicações causadoras de mal-estar apresentadas pela amostra participante, refere-se aos constantes padrões sociais e estéticos que tem crescido nos últimos tempos, principalmente com o uso das redes sociais, podendo levar as crenças de desvalor, pois segundo Duarte & Paulino (2020), essa temática remete a incompetência, inadequação, fracassado e a crença de desamor, corroborando com sentimento da incapacidade de ser gostado, algo imperfeito ou indesejável, essas publicações podem reforçar situações irreais que trazem sofrimento para o sujeito ao buscar atingir os padrões exigidos pela sociedade. Em relação ao humor ácido especificamente, 15,58% da amostra descreveram o humor ácido como desnecessário, 11,69% como ofensivo, péssimo, preconceito velado e sem graça respectivamente, demonstrando ser um tipo de humor inadequado culturalmente. Para Jablonski (1995 apud RECUERO, 2013), o humor passa a ter um fundamental papel na naturalização da violência, suavizando sua ofensa. Portanto, nem todo humor é considerado saudável. Há uma camada entre a violência e piadas racistas por exemplo, que reforça o sistema de exclusão, hierarquizando os corpos brancos como superiores aos negros (CAMINHA, 2020). Essa mesma distinção é passiva de inferir nas relações de outras minorias com o humor, que possa a ser composta por conteúdos preconceituosos. Para essa análise da violência simbólica, foi solicitado que a amostra selecionasse de 1 a 5, o nível de concordância com o apresentado. Em sua grande maioria, acima de 60% dos participantes selecionaram a opção que discordavam totalmente com as frases ofensivas, sendo este nível, considerado como o ideal, no entanto uma parcela optou por concordar totalmente, parcialmente ou tomaram um estado de neutralidade em algumas frases, indicando que dentro da variação de 10% a 40% a depender da frase, há uma certa inadequação do discurso/comportamento ao não discordarem totalmente, mostrando que a violência simbólica está presente ao discurso aos indivíduos.

CONCLUSÃO

Mediante aos resultados encontrados, observa-se a prevalência de pessoas que são diariamente afetadas com o “boom” de informações que não são filtradas, aparecendo conteúdo dos mais diversos tipos que refletem no cotidiano do sujeito, de modo a trazer sentimentos de raiva, tristeza, revolta na população, dado que a grande maioria dos indivíduos passam mais de 2 horas em contato com as mídias tóxicas. Compreende-se o impacto que a mídia tem exercido na sociedade ao longo dos anos, sendo capaz de alterar seu funcionamento e a dinâmica dos cidadãos, levando a que muitas pessoas reproduzam comportamentos inadequados ou até mesmo de cunho racista, preconceituoso, sendo normalizado na cultura, refletindo em uma violência simbólica. Ademais, a partir dos discursos apresentados, os participantes de modo geral, sentem-se afetados com a mídia tóxica virtual, principalmente com conteúdo que apresentem teor de violência, preconceito, machismo etc., impactando significativamente nas crenças centrais destes, podem ser associadas às crenças de desamparo, desvalor e desamor que enrijecem esquemas desadaptativos e conseqüentemente, possam reforçar crenças e situações irreais e levar a reprodução de comportamentos violentos sem que sejam percebidos. Assim, é válido ressaltar algumas limitações encontradas durante o desenvolvimento do projeto quanto ao empobrecimento de detalhes nas respostas dos voluntários, o que impossibilitou uma análise mais complexa. Por fim, cabe ressaltar a importância na promoção de espaços que possibilitem a conscientização da população e discussão sobre questões sociais no contexto brasileiro, a fim de promover e ampliar para comunidade sobre a temática estudada.



REFERÊNCIAS

BECK, J. S. **Terapia Cognitiva: Teoria e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

DUARTE, Débora da Silva; PAULINO, Pedrita Reis Vargas. O machismo e sua influência nas crenças centrais femininas. **Cadernos de Psicologia**, v. 2, n. 4, 2020.

CAMINHA, M. **O humor racista midiático: as políticas da dor e do ódio como desenho risível do corpo negro**. Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LIRA, M. L.; VELOSO, A. A violência Simbólica da mídia contra a Mulher. *In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Natal: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008.

MOREIRA, M. B., MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RECUERO, Raquel; SOARES, Priscilla. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galáxia**, n. 26, 2013.